

# Introdução

- [A. Algumas citações surpreendentes](#)
- [B. O plano maçônico de infiltração na Igreja romana](#)
- [C. Investigação Teológica, Histórica e Canônica](#)



# A. Algumas citações surpreendentes

Aqui estão algumas afirmações que certamente causam perplexidade:

“Os elementos do marxismo são de natureza a levar muitos homens ao cristianismo vivido de uma maneira nova. [...] Vemos no islã, no humanismo, no marxismo, um desejo inconsciente e uma busca titubeante pelo verdadeiro rosto de Jesus Cristo, que nós, cristãos, frequentemente obscurecemos." (*O Catecismo Holandês. Uma introdução à fé católica. O novo catecismo para adultos realizado sob a responsabilidade dos bispos dos Países Baixos*, Paris 1968, p. 58).

“No budismo, em suas várias formas, reconhece-se a insuficiência radical deste mundo mutável e ensina-se um caminho pelo qual os homens, com um coração devoto e confiante, podem alcançar o estado de libertação perfeita, atingir a iluminação suprema por seus próprios esforços ou com ajuda vinda do alto." (declaração conciliar *Nostra aetate*, 28 de outubro de 1965, § 2).

“Nós oferecemos o cachimbo ao Grande Espírito, à mãe Terra e aos quatro ventos." (oração recitada a pedido de Wojtyla, em 26 de outubro de 1986 em Assis).

“Que São João Batista proteja o Islã." (oração recitada pelo próprio Wojtyla, em 21 de março de 2000).

“Eu venho a vocês, ao legado espiritual de Martinho Lutero, venho como peregrino." (encontro de Wojtyla com o Conselho da Igreja Evangélica, em 17 de novembro de 1980).



"O ateísmo proporciona um 'livre desenvolvimento espiritual'." (Wojtyla, 1º de setembro de 1980).

“ "Colocar o homem no altar" é próprio dos maçons (Jacques Mitterrand, 33º grau, ex-Grande Mestre do Grande Oriente).

“ "Nós temos o culto ao homem" (Montini: discurso de encerramento do Vaticano II, 7 de dezembro de 1965).

“ "Não pensamos que um maçom digno desse nome, comprometido com a prática da tolerância, não possa se regozijar irrestritamente com os resultados irreversíveis do Concílio". Os católicos devem "manter-se nessa corajosa noção de liberdade de pensamento, que, iniciada em nossas lojas maçônicas, se estendeu magnificamente sobre o domo de São Pedro" (Yves Marsaudon: *O ecumenismo visto por um maçom de tradição*, 1964, p. 119-121).

“ "Se o mundo muda, a religião não deveria também mudar? [...] Esta é exatamente a razão pela qual a Igreja, especialmente após o concílio, empreendeu tantas reformas" (Montini: audiência geral, 2 de julho de 1969).

---

Ao ler essas frases curiosas, não podemos deixar de fazer perguntas. Mas o que está acontecendo em Roma?



# B. O plano maçônico de infiltração na Igreja romana

Aqui estão alguns trechos do plano de infiltração da Igreja romana, elaborado pela maçonaria italiana e descoberto pela polícia do Papa Pio IX: "O que devemos buscar e esperar, como os judeus esperam o messias, **é um papa segundo as nossas necessidades** [...] Para garantir um papa nas proporções exigidas, é primeiro necessário moldar para este papa uma geração digna do reinado que sonhamos. Deixem de lado a velhice e a idade madura; foquem na juventude [...] Em poucos anos, este jovem clero terá, por força das circunstâncias, invadido todas as funções; ele governará, administrará, julgará, formará o conselho do soberano, será chamado a escolher o pontífice que deverá reinar, e este pontífice, como a maioria de seus contemporâneos, será necessariamente mais ou menos imbuído dos princípios [...] que começaremos a disseminar [...] Que o clero marche sob sua bandeira, sempre acreditando estar marchando sob o estandarte das chaves apostólicas [...] **Vocês terão pregado uma revolução em tiara e capa**, marchando com a cruz e a bandeira, uma revolução que precisará apenas [...] de ser um pouco incentivada para incendiar os quatro cantos do mundo" (in: Crétineau-Joly: *A Igreja romana diante da revolução*, 1859, reedição Paris 1976, Livro II, p. 82-90).

Durante o Concílio Vaticano I, um alto dignitário da maçonaria se regozijou "com o apoio valioso que encontramos há vários anos em um partido poderoso, que nos serve como intermediário entre nós e a Igreja, o partido católico liberal. É um partido que devemos cuidar, e que serve aos nossos propósitos mais do que pensam os homens mais ou menos eminentes que o compõem na França, na Bélgica, em toda a Alemanha, na Itália e até mesmo em Roma, ao redor do próprio papa" (in: Monsenhor Delassus: *Verdades sociais e erros democráticos*, 1909, reedição Villegenon 1986, p. 399).

Léon XIII (encíclica *Inimica vis*, 8 de dezembro de 1892) advertiu o episcopado da Itália. "Os sectários maçons buscam seduzir o clero inferior por meio de promessas. Com que objetivo? [...] O que eles querem é gradualmente ganhar para sua causa os ministros das coisas sagradas, e então, uma vez envolvidos nas novas ideias, torná-los revoltados contra a autoridade legítima".

Léon XIII faleceu em 1903. A maçonaria desejava a eleição de um sucessor imbuído do espírito maçônico. Aqui está o retrato do candidato ideal, esboçado em 1903 pela revista maçônica *Acacia*: "Um papa que afrouxasse os laços do dogmatismo estendidos ao extremo, que não desse ouvidos aos teólogos fanáticos e denunciadores de heresias, que permitisse que os exegetas trabalhassem à sua maneira, limitando-se a manter uma unidade que seria mais uma solidariedade entre os diversos ramos da Igreja, que não entrasse em conflito com os governos, que praticasse e recomendasse a tolerância entre as outras religiões, inclusive em relação ao livre pensamento, que não renovasse a excomunhão da maçonaria" (*Acacia*, setembro de 1903, in: *Leitura e Tradição*, nº 94, março/abril de 1982).



Em 1903, os católicos quase tiveram como papa, em vez de Giuseppe Sarto (São Pio X), o cardeal maçom Rampolla, Secretário de Estado de Leão XIII. Ele recebeu a maioria dos votos, mas foi afastado devido à intervenção do Império Austro-Húngaro.

Apesar deste fracasso pontual, o plano maçônico funcionou muito bem. O Papa São Pio X (encíclica *Notre Charge Apostolique*, 25 de agosto de 1910) denunciou as infiltrações maçônicas no movimento "Le Sillon" (movimento da juventude cristã francesa). "Conhecemos muito bem os *sombrios gabinetes* onde se elaboram essas doutrinas deletérias, que não deveriam seduzir mentes esclarecidas. Os líderes do Sillon não puderam se defender disso: a exaltação de seus sentimentos, a cega bondade de seus corações, seu misticismo filosófico misturado com um certo iluminismo, os levaram a um novo evangelho, no qual eles acreditaram ver o verdadeiro Evangelho do Salvador, ao ponto de ousarem tratar Nosso Senhor Jesus Cristo com uma familiaridade supremamente irreverente, e, seu ideal sendo aparentado ao da revolução, **eles não hesitam em fazer comparações blasfemadoras entre o Evangelho e a Revolução**".

O clero também estava infiltrado. Sentindo os "modernistas" (clérigos que adotaram os princípios maçônicos do racionalismo, do subjetivismo, da indiferença em matéria de religião e da reforma da Igreja) rondando ao seu redor, este santo papa exclamou angustiado: "Inimigos da Igreja, eles certamente são, e ao dizer que não há piores, não estamos longe da verdade. Na verdade, não é de fora, como já foi observado, [é de dentro que tramam sua ruína; o perigo está hoje quase nas próprias entranhas e veias da Igreja]" (encíclica *Pascendi*, 8 de setembro de 1907).

Nas décadas de vinte, a conspiração havia tomado proporções alarmantes, pois não apenas o clero inferior e a juventude, mas também uma parte significativa do alto clero estavam agora militando sob a bandeira da revolução. Durante o consistório secreto de 23 de maio de 1923, Pio XI interrogou cerca de trinta cardeais da Cúria sobre a oportunidade de convocar um concílio ecumênico. O cardeal Boggiani considerou que uma parte considerável do clero e dos bispos estava impregnada de ideias modernistas. "Essa mentalidade pode levar alguns Padres a apresentar moções, a introduzir métodos incompatíveis com as tradições católicas". O cardeal Billot foi ainda mais direto. Ele expressou o temor de ver o concílio "manipulado" pelos "piores inimigos da Igreja; os modernistas, que já se preparam, como indicam certos sinais claros, **para fazer a revolução na Igreja, um novo 1789**" (citado em: Mgr Marcel Lefebvre: *Eles a decronaram. Do liberalismo à apostasia. A tragédia conciliar*, Escuroles 1987, p. 158 - 159).

Com a morte de Pio XII, o sonho da maçonaria se realizou: uma "revolução em tiara e capa". Angelo Roncalli (que havia sido iniciado em uma sociedade secreta na Turquia em 1935, e depois se afiliou a uma loja maçônica em Paris) assumiu o nome de "João XXIII". Ele convocou o Concílio Vaticano II, que revolucionou completamente a religião, por exemplo, proclamando a "liberdade de pensamento, que, partindo de nossas lojas maçônicas, se estendeu magnificamente sobre o domo de São Pedro" (Yves Marsaudon: *O ecumenismo visto por um maçom tradicional*, 1964, p. 121).

Os defensores da mudança são chamados de "conciliares" (nome derivado do "concílio" Vaticano II). Os oponentes se chamam "católicos" (devido ao seu apego ao catolicismo).

---

Desde 1958, Roma adotou uma posição contrária ao que o papado sempre ensinou. Algumas pessoas então elaboram o seguinte silogismo: toda vez que um papa não define solenemente ex



*cathedra* um dogma, ele pode estar errado. Portanto, não somos obrigados a obedecê-lo sempre que ele ensina ou ordena algo contrário à fé. Os homens no poder em Roma desde 1958 têm proferido heresias, mas não *ex cathedra*. Portanto, esses homens são papas.

Outras pessoas estabelecem um silogismo diferente: o ensinamento *ex cathedra* é transmitido não apenas pelo modo "extraordinário" (definições solenes), mas também pelo modo "ordinário" (escritos do dia a dia). Um papa não erra *em nenhum momento* no campo da fé, porque ele é *constantemente* assistido pelo Espírito Santo, conforme a promessa formal de Cristo (João XIV, 15-17). "Como um verdadeiro papa sucessor de Pedro, assegurado da assistência do Espírito Santo, pode presidir à destruição da Igreja?" (Mgr Lefebvre, in: *Bonum certamen*, nº 132, Nancy). Essa falha não seria um sinal de que os homens que governam o Vaticano desde 1958 não são *verdadeiros* papas, mas *usurpadores*, ocupantes ilegítimos da Sé de Pedro?

Para abordar o problema, essas duas formas de consideração são ambas lógicas. No entanto, um silogismo pode ser lógico e ainda assim ser falso. Isso ocorre porque tudo depende das premissas das quais se chega a uma conclusão. Se uma premissa é falsa, um raciocínio logicamente correto pode levar a uma conclusão falsa. Antes de começar a raciocinar como um bom lógico, é essencial garantir que as bases sobre as quais o raciocínio se apoia correspondam à realidade. "A maioria dos erros dos homens vem menos do fato de raciocinarem mal a partir de princípios verdadeiros, do que de raciocinarem corretamente a partir de julgamentos inexatos ou princípios falsos" (Charles Augustin Sainte-Beuve: *Causeries du lundi*, Paris 1851-1862, t. X, p. 36).

Para evitar raciocínios vazios, empreendemos uma ampla investigação teológica, histórica e canônica. Coletamos muitas informações e documentos para estabelecer uma base muito sólida para este estudo, cujo plano será apresentado no próximo ponto.



# C. Investigação Teológica, Histórica e Canônica

## I. INVESTIGAÇÃO TEOLÓGICA: A INFALIBILIDADE PONTIFICAL

A premissa que precisa ser esclarecida é a seguinte: um papa pode naufragar na fé? A infalibilidade papal se manifesta apenas a cada cem anos, em uma definição solene (1854: Imaculada Conceição; 1950: Assunção)? Ou Nosso Senhor assiste o papa continuamente para impedi-lo de cair em heresia? Esta questão será abordada na primeira parte, dedicada à infalibilidade pontifical. Inclui também um capítulo sobre casos históricos de papas que supostamente falharam, como São Libério, Honório I ou João XXII.

## II. INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA: INFILTRAÇÕES ANTIGAS E RECENTES

Na segunda parte, o leitor descobrirá um fato pouco conhecido: a história da Igreja registra cerca de cinquenta antipapas e cerca de cem "conciliábulos" (= assembleias heréticas, falsos concílios). Poderia haver precedentes para a situação atual? Vamos examinar se o Vaticano II foi um concílio infalível ou um conciliábulo falível.

## III. INVESTIGAÇÃO CANÔNICA: A VISIBILIDADE DA IGREJA

A terceira parte, dedicada à visibilidade da Igreja, responderá a algumas questões vitais: Um não católico pode ser eleito papa validamente? A Igreja pode subsistir sem um papa? Quais são os traços que identificam a Igreja visível?